

Crise? Os indicadores desmentem.

MANUELA RIOS E JANE SOARES

Se há menos de 15 dias a palavra crise estava temporariamente afastada do vocabulário econômico, o salto da inflação este mês bastou para que se prenunciem novas catástrofes. A ressaca de alguns meses de consumo aquecido e de reposição de estoques — os mesmos fatores que já projetavam falta de matérias-primas e de produtos para o final de ano — tomou conta da indústria e do comércio e a palavra recessão voltou a circular nos corredores da Fiesp. Mas, se a recessão vem mesmo por aí, nenhum indicador aponta esse rumo no momento.

"Ao contrário, os indicadores apontam para um aquecimento da atividade econômica e a recessão só virá, neste segundo se-

mestre, se a inflação fugir de qualquer controle", afirma Márcio Percival Alves Pinto, diretor executivo da Fundação Seade, que ontem divulgou novo aumento no nível de emprego (ver box). Para Márcio, a recessão está descartada por enquanto.

Com pleno emprego e dispondo ainda de um certo ritmo de investimentos, não se pode falar em recessão, completa um banqueiro, lembrando que a demanda por crédito bancário das indústrias aumentou — como ocorre sazonalmente nesta época, quando é preciso atender às encomendas de fim de ano —, ainda que as operações sejam feitas no curíssimo prazo e a taxas de juros próximas às do **over**. O que ocor-

re, segundo essa mesma fonte, é que os preços aumentaram tanto que a demanda naturalmente tende a diminuir.

Essa, aliás, parece ser a raiz do novo catastrofismo. "O aquecimento das vendas fez a indústria avançar muito depressa nos preços. O comércio se empolgou e acabou encomendando mais do que devia para repor estoques que, hoje, não giram na velocidade desejada. Agora, com o arrefecimento do consumo, chegou a hora da verdade", observa Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Acusando a indústria de ter embutido inflação de 50% ao mês nos preços, Szajman não vê saída: as fábricas terão de fazer

promoções, as lojas partirão para guerras de preços, tudo para atrair novamente o consumidor. E nesse cenário, em seu entender, o comércio paulista deve fechar 89 com um crescimento de 2% a 3%, capaz de recuperar as perdas de 3,5% de 88.

Confirmando a tendência de ajustes — sem euforias, mas também sem crise —, o próprio presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Paulo Vellinho, reconheceu esta semana que o setor reajustou abusivamente os preços após o Plano Verão e, agora, vem rebaixando-os, para evitar grande queda no faturamento. Vellinho defende uma medida firme do governo para conter os preços.